

foucault e a linguagem literária moderna: ultrapassar as ilusões humanistas

foucault and modern literary language: overcoming
humanist illusions

alessandro carvalho sales¹

em memória de roberto machado.

resumo

Este texto assinala o prestígio concedido por Foucault à literatura, sobretudo durante a chamada fase arqueológica, como uma aliada essencial em sua crítica aos humanismos, ou ainda, aos privilégios concedidos à posição do sujeito moderno. Sublinhamos algumas das interrogações que norteiam o trabalho: como Foucault via a circunstância crescente dos humanismos? De que ordem são os comentários críticos que ele faz a esses saberes? Onde reside exatamente a razão do prestígio da literatura em suas críticas? Como ela foi utilizada e valorizada ao longo da proposta arqueológica? Por que, já em seu período genealógico, Foucault passa a renegar a literatura?

palavras-chave

Foucault; Literatura Moderna; Arqueologia do Saber; Inconsciente; Linguagem.

abstract

This text points out the prestige Foucault gave to literature, especially during the so-called archaeological phase, as an essential ally in his critique of humanisms, or even the privileges granted to the position of the modern subject. We highlight some of the questions that guide the work: how did Foucault see the growing circumstance of humanisms? What kind of critical comments does he make about this knowledge? Where exactly is the reason for the prestige of literature in his criticism? How was it used and valued throughout the archaeological proposal? Why, already in his genealogical period, does Foucault start to disown literature?

keywords

Foucault; Modern Literature; Archaeology of Knowledge; Unconscious; Language.

¹ Doutor em Filosofia pela UFSCar – Universidade Federal de São Carlos - e Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo. E-mail: alessandro.sales@unifesp.br.

1. Introdução

Há questões que nos deixam desconcertados, sobretudo quando qualquer possível enunciado-resposta termina por se apresentar como fracionado, cindido. Se, diante delas, pudesse a pronúncia de um silêncio nos devolver a calma e a quietude, seria pela efemeridade de um instante, até que, desfeita essa harmonia perfeitamente ilusória, continuasse a pergunta nos sobrevoando ao ponto mesmo de se recolocar e de mais uma vez nos inquerir. Por outro lado, é este insistente capricho – o da busca pelo sentido – que também nos obriga a operar tal tipo de questão. A exemplo, poderíamos, pela enésima vez, interrogar: o que é a literatura?

Muitos mergulharam nesta pergunta-labirinto, embora nem tantos assim tenham conseguido atravessar seus corredores intrincados e paredes sinuosas, delineando quem sabe alguma novidade, alguma saída rica ou consistente. O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) o fez em contexto peculiar: revolvendo os fios do passado, insatisfeito com o desenho moral da trama do presente, buscava encontros em seu combate permanente por novos modos de pensar.

Foucault, em particular durante a primeira fase de sua obra, a chamada arqueologia do saber – como ficou conhecida a sua produção na década de 60 –, teve a força do seu trabalho não só acompanhada, mas também provocada, intensificada, por uma série de iluminações provenientes de obras literárias. Foi, por sinal, através da literatura e da crítica literária francesa da época – leiamos Blanchot, Bataille e Klossowski, especialmente – que se deparou com a potência de um estilo nietzschiano. Nietzsche, o pensador extemporâneo: será ele quem acarretará as mais vigorosas reverberações no devir-filosófico foucaultiano.

Pois Nietzsche foi o vetor decisivo a partir do qual Foucault se pôs a pensar e criticar todo o imbróglio humanista que se abateu sobre o nosso tempo, e será este, inarredavelmente, um dos fins maiores de sua tarefa arqueológica. Para dar conta desse movimento, ele se valerá ainda de um conjunto de escritores – Sade, Roussel, Mallarmé, e Artaud estão entre eles –, os quais, cada um à sua maneira, lograram deixar-se repletar pela linguagem segundo um tipo de vazio singular, paradoxo capaz de destituir a representação de seus direitos e de suprimir lugares aparentemente fixos como sujeitos e objetos.

Nosso assunto se refere então ao prestígio concedido por Foucault à literatura, sobretudo durante a fase arqueológica, como uma aliada essencial em sua crítica aos humanismos, ou ainda, aos privilégios concedidos à posição do sujeito moderno. Sublinhamos alguns dos problemas que nos norteiam: como Foucault via a circunstância crescente dos humanismos? De que ordem são os comentários críticos que ele faz a esses saberes? Onde reside exatamente a razão do prestígio da literatura em suas críticas? Como ela foi utilizada e valorizada ao longo da proposta arqueológica? Por que, já em seu período genealógico, isto é, ao longo de suas pesquisas durante os anos 70, ele passa a renegar a literatura?²

² É importante marcar que a publicação francesa dos quatro volumes dos *Dits et Écrits*, em 1994, pela Gallimard, renovou o horizonte dos estudos foucaultianos, abrindo ou aprofundando frentes de investigação. No Brasil, essa produção editorial, bem como as traduções – que acabaram por converter os quatro volumes em dez, segundo uma ordem agora preferencialmente temática –, isso ficou aqui a cargo da Forense Universitária, trabalho que se estendeu até 2014. Uma das frentes abertas refere-se, certamente, às relações de Foucault com a literatura. Sob o ponto de

2. Foucault e a Arqueologia

Tomemos como campo de partida, ainda que correndo o risco de sumarmos em demasia, certo panorama relativo às pesquisas do Foucault arqueólogo. Suas investigações histórico-filosóficas trouxeram a lume o contexto das condições epistemológicas que, no seu bojo, configuram uma série de diferenças e distâncias entre as épocas renascentista, clássica e moderna³.

Elas mostraram, por exemplo, no que toca à loucura, a sua apartação por uma nova racionalidade nascente, que terá no *cogito* cartesiano o seu fundamento, que se tornará amplamente hegemônica, e que conferirá à loucura um não-lugar, a banindo, a excluindo enquanto alteridade por constituir risco à nova ordem de razão vigente – será preciso interná-la, confiná-la, no que surgirão, aliás, os hospícios.

Ficará também em tela o nascimento de uma anátomo-medicina que irá gerar a própria ideia de clínica tal como hoje a conhecemos, em função de um olhar que passava da superfície à profundidade, de uma verificação meramente nosográfica (ou seja, baseada em tábuas sobretudo descritivas segundo algo como uma classificação geral das doenças) ao exame empírico e real do doente, passando assim de uma sintomatologia linear e horizontal que parava na exterioridade a uma vertical capaz de alcançar a interioridade do corpo e de seus órgãos – o que começou a revelar disfunções outras como provocadoras de patologias, tudo apreendido desde uma nova técnica, qual fosse, a dissecação de cadáveres.

Finalmente, no que diz respeito ao campo dos saberes, as pesquisas arqueológicas foucaultianas mostraram o estabelecimento e a conformação de ciências empíricas acerca do homem – quando este, pela primeira vez, se prontifica não só como sujeito mas também como objeto do conhecimento –, em razão de se colocarem a estudá-lo e a pensá-lo, por exemplo, dentro de planos como o da vida (a biologia), o do trabalho (a economia) e o da linguagem (a filologia), o que desembocará finalmente na instituição das chamadas *ciências humanas*, embora epistemologicamente dispostas em terreno possivelmente algo instável ou precário.

Aqui, o ponto essencial: esses estudos estão precisamente interligados por um projeto único, que era o de *criticar o privilégio moderno do homem como fundamento de algumas correntes filosóficas, bem como das ciências humanas*. Procuraremos, ainda que atentando para os limites e interesses deste trabalho, seguir algumas das razões e contextos pelos quais isso fica realçado.

vista da edição francesa, organizada de forma estritamente cronológica, o primeiro volume, que abarca sua produção escrita e falada entre os anos de 1954 e 1968 (para além dos livros), contém a quase totalidade dos textos relacionados à literatura. Pelo contrário, os três volumes seguintes praticamente não apresentam produções ligadas ao espaço literário. Veremos as razões pelas quais isso se dá.

³ Aqui, uma marcação fundamental para que possamos acompanhar os textos foucaultianos dos anos 60: em sua obra arqueológica, o autor delimitou e trabalhou com estas três séries históricas principais: o renascimento, durante o século XVI, a época clássica, séculos XVII e XVIII (estamos nos efeitos de uma metafísica da representação, sobretudo a partir de Descartes) e a época moderna, do final do século XVIII ou início do século XIX até a contemporaneidade (estamos nos efeitos da filosofia transcendental assinalada por Kant). Sobre essa perspectiva, cf. MACHADO, 2006, p. 8. Tais marcações são chamadas por Foucault de epistemes, e a elas ainda retornaremos neste texto.

3. Ultrapassar os Humanismos

Há de se marcar, portanto, a alergia radical de Foucault aos chamados humanismos. Em algumas entrevistas, concedidas sobretudo ao longo da segunda metade dos anos 60, ele deixa isso evidente, precisando alguns dos elementos em questão. Na perspectiva da versão brasileira dos *Ditos e Escritos*, volume VII, publicado entre nós em 2011 e que recolhe textos e entrevistas ligados à arte, epistemologia, filosofia e história da medicina, é de se atentar sobretudo para três entrevistas de 1966: *Entrevista com Madeleine Chapsal*⁴, *Michel Foucault, As palavras e as coisas*⁵, e *O homem está morto?*⁶, bem como uma de 1968, a *Entrevista com Michel Foucault*⁷. Além disso, há ainda uma longa entrevista, que entrou no volume X da edição brasileira, cujos temas são filosofia, diagnóstico do presente e verdade, então traduzida como *Que é o senhor, professor Foucault?*⁸. Todos esses trabalhos (e certamente não apenas eles, pois não há aqui a pretensão de sermos exaustivos), em maior ou menor grau, exploram e problematizam diferentes vertentes da crítica foucaultiana aos humanismos.

Para termos uma noção da virulência de nosso autor quanto ao assunto, tomemos, de saída, a seguinte citação: “A experiência dos 50 últimos anos (e não somente esses) prova quanto esse tema humanista não somente não tem nenhuma fecundidade, mas se mostra nocivo, nefasto, visto que permitiu as operações políticas mais diversas e mais perigosas”⁹. Sobre esses aspectos políticos, Foucault aponta que o humanismo chegou a ser usado para sustentar o stalinismo e a hegemonia da democracia cristã na França. No limite, Foucault condena “todos os maus serviços que essa ideia de homem nos prestou durante inúmeros anos”¹⁰. O que estaria no cerne dessa ideia? Quais seriam seus representantes mais evidentes? Sigamos buscando colecionar mais pistas.

Em *O homem está morto?*, Foucault indica que reencontramos esses temas em variações tipicamente fáceis, ou moles, de humanismo, como em certos marxismos, que classifica como amorfos, e em autores como Saint-Exupéry, Teilhard de Chardin e em Camus, ou seja, “em todas essas figuras pálidas de nossa cultura”¹¹. Foucault chega a considerar – e a criticar acidamente – uma tendência, até hoje extremamente comum, que pluga essas leituras em certo ideal de felicidade. Ele diz:

Eu considero que o humanismo, pelo menos em um plano político, poderia definir-se como toda atitude que considera que o fim da política é produzir felicidade. Ora, eu não acredito que a noção de felicidade seja

⁴ FOUCAULT, M. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: *Ditos e escritos*. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a.

⁵ *Idem*. Michel Foucault, As palavras e as coisas. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) *Ditos e escritos*. Vol. VII: Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011c.

⁶ *Idem*. O homem está morto?. In: *Ditos e escritos*. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011d.

⁷ *Idem*. Entrevista com Michel Foucault. In: *Ditos e escritos*. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b.

⁸ *Idem*. Que é o senhor, professor Foucault? In: *Ditos e escritos*. Vol. X – Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

⁹ *Ibidem*, p. 45.

¹⁰ *Ibidem*, p. 46.

¹¹ FOUCAULT, M. O homem está morto?. In: *Ditos e escritos*. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011d, p. 152.

verdadeiramente pensável. A felicidade não existe, a felicidade dos homens existe ainda menos¹².

Ou seja, para Foucault, a felicidade como finalismo é apenas um mito, mais um, que preconiza um valor teleológico plenamente ilusório como *locus* de chegada, quando, efetivamente, a vida não conta com finalidade alguma. Ao contrário, ela muito simplesmente funciona: “Ela funciona, ela controla seu próprio funcionamento, e faz surgir a cada instante, justificações desse controle. É preciso resignar-se a admitir que há aí apenas justificações”¹³. O humanismo seria mais uma delas. Enfim, valorizando o vocabulário dessas entrevistas, mesmo formas mais “sérias” ou “duras” de humanismo restam também veementemente contestadas – Sartre também não é poupado, veremos mais à frente o porquê.

Nos humanismos, o homem, sujeito de conhecimento, acaba por se tomar, *a ele mesmo*, também como objeto de conhecimento, isto é, como uma matéria supostamente legítima para toda uma série de estudos, teorizações e considerações, tão positivas quanto otimistas, acerca de si e de seu futuro. De outro modo, ele se torna, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de um conjunto inumerável de discursos e saberes, inclusive filosóficos, os quais, desde a aurora da modernidade e até a nossa atualidade, mais do que simplesmente nos atingir, chegam a constituir nossa subjetividade. Desde então, tudo se passa como se não mais conseguíssemos pensar sem algum tipo de alusão, ainda que implícita, à figura do homem. Nas palavras de Foucault:

(...) o homem apareceu como um objeto de ciência possível – as ciências do homem – e ao mesmo tempo como o ser graças ao qual todo conhecimento é possível. O homem pertencia, então, ao campo dos conhecimentos como objeto possível e, por outro lado, ele era colocado de maneira radical no ponto de origem de toda espécie de conhecimento (...) Uma situação assim ambígua caracteriza o que se poderia chamar a estrutura antropológico-humanista do pensamento do século XIX¹⁴.

A perspectiva incisivamente crítica de nosso autor parte de Nietzsche, aquele que, contra todo privilégio concedido ao homem, mostrou ao contrário a sua insuficiência, e o quanto os valores da modernidade – sejam eles a felicidade, o progresso, a ciência, o capital, ou quaisquer outros – não podem ser estabelecidos ou “pendurados” como o transcendente da vez, no que se produz toda uma nova metafísica, ora alicerçada em ilusões vincadas pela condição da consciência e de suas representações.

Foucault é direto quanto a essa novidade em nossa cultura: “Ela começou com Nietzsche quando este mostrou que a morte de Deus não era o aparecimento, mas o desaparecimento do homem, que o homem e Deus tinham estranhas relações de parentesco”¹⁵. Chegamos aqui a um dos emblemas da época, o da “morte do homem”, tornado um verdadeiro refrão do movimento estruturalista:

¹² *Idem*. Que é o senhor, professor Foucault? In: *Ditos e escritos*. Vol. X – Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 47.

¹³ *Ibidem*, p. 48.

¹⁴ *Ibidem*, p. 36.

¹⁵ FOUCAULT, M. O homem está morto?. In: *Ditos e escritos*. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011d, p. 153.

Penso que as ciências humanas não conduzem (...) à descoberta de algo como o “humano” – a verdade do homem, sua natureza, seu nascimento, seu destino; aquilo de que se ocupam, na realidade, as diversas ciências humanas, é algo bem diferente do homem: são sistemas, estruturas, combinações, formas etc. Como consequência, se quisermos nos ocupar seriamente com as ciências humanas, será necessário, antes de tudo, destruir essas quimeras obnubilantes que constituem a ideia segundo a qual é preciso procurar o homem¹⁶.

Poderíamos, sem dificuldades, inserir as problemáticas em questão dentro do combate estruturalista que estava em voga na França, sobretudo ao longo dos anos 60. Um dos tópicos mais relevantes do estruturalismo era – tal como já salientado em diversos estudos, na medida em que ficavam prestigiadas leituras internas e formais ligadas aos efeitos de linguagem – a crítica das filosofias da consciência e do sujeito (nas figuras de Sartre e Camus, por exemplo), bem como dos humanismos em geral. No entanto, ainda que fosse uma via produtiva, isso fugiria ao escopo inicial e lugar de ênfase deste trabalho¹⁷.

Por fim, para selarmos o tópico desta conversação com Foucault acerca de sua ojeriza aos humanismos, indicamos mais uma citação de um dos trabalhos acima apontados. Após certa alteração com seu entrevistador, em que este busca inquirir Foucault se o que ele chegava a propor em seus trabalhos não seria, final das contas, uma nova ideia de homem, afirma o pensador francês, seguindo na sustentação de seu pensamento sem qualquer finalismo:

(...) o homem, a ideia de homem, funcionou, no século XIX, um pouco como a ideia de Deus tinha funcionado no decorrer dos séculos precedentes. Acreditava-se (...) que era praticamente impossível que o homem pudesse suportar a ideia de que Deus não existe (“se Deus não existisse, tudo seria permitido”, repetia-se). Ficava-se espantado com a ideia de uma humanidade que pudesse funcionar sem Deus, donde a convicção de que era preciso manter a ideia de Deus para que a humanidade pudesse continuar a funcionar. Você me diz: talvez seja necessário que a ideia da humanidade exista, mesmo que seja somente um mito para que a humanidade funcione. Eu responderei: talvez, mas talvez não. Nem mais nem menos que a ideia de Deus¹⁸.

4. O Inconsciente como Contraponto

Em todo caso, é fato que os discursos humanistas foram proliferando, se multiplicando e se vulgarizando mais e mais, uma vez amplamente capturados,

¹⁶ *Idem*. Que é o senhor, professor Foucault? In: *Ditos e escritos*. Vol. X – Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 45.

¹⁷ Como entrada inicial às relações entre Foucault e o estruturalismo, e para um panorama mais amplo do que se passava na cena intelectual francesa dos anos 60, sugerimos ver *História do Estruturalismo* (1993), do historiador e sociólogo das ideias François Dosse.

¹⁸ FOUCAULT, M. Que é o senhor, professor Foucault? In: *Ditos e escritos*. Vol. X – Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, 9. 48-49.

apropriados, pelas máquinas capitalistas e seus mercados – pois com elas sempre se coadunaram.

Seguem portanto carimbando nossos modos de existência, na proporção em que, através deles, assume-se o homem justamente como *uma espécie de novo infinito*, a quem tudo seria novamente possível ou alcançável, o domínio da natureza inclusive, isso enquanto não lhe chega, teleologicamente, o reino total, completo e desalienado de uma felicidade anunciada e aguardada, mundo em que não haveria mais guerras, a fome e a miséria estariam erradicadas, ou, para dizer numa palavra: eis o Homem como a nova medida das coisas. Vejamos ainda o que nos diz François Dosse, ao comentar *As palavras e as coisas*:

O homem-sujeito de sua história, atuante, consciente de sua ação, desaparece. A sua figura só aparece em data recente e sua descoberta anuncia seu fim próximo (...) como observa Foucault, segundo Freud, esse homem conheceu na história do pensamento ocidental um certo número de grandes feridas narcísicas (...) Por conseguinte, o homem viu-se despojado, por etapas, de seus atributos, mas reapropriou-se dessas rupturas no campo do saber para fazer delas outros tantos instrumentos de recuperação de seu reino (...) Mas essa soberania é, para Foucault, simultaneamente recente, condenada a desaparecer e ilusória¹⁹.

Uma tal citação, ao falar das “grandes feridas narcísicas”²⁰, vai precisamente ratificar o caráter de finitude e sobredeterminação do homem. Mas, o que pode funcionar como contraponto mais evidente a esse estado de coisas, especialmente sob o ponto de vista da tarefa de uma arqueologia dos saberes ocidentais?

É precisamente contra as ilusões humanistas, sobretudo aquelas caracteristicamente modernas, que se dispõe, bem dizer, todo o trabalho foucaultiano dos anos 60, na medida em que a arqueologia somente é tornada possível uma vez que expressa noções indissociáveis de uma problemática do *inconsciente* – um inconsciente dos saberes e das ciências. Ele afirma: “Na ciência, por exemplo, há uma espécie de inconsciente entre os diferentes domínios científicos, entre os quais não se estabeleceu uma ligação direta”²¹.

Daí, aliás, um dos motivos críticos mais rigorosos às filosofias do sujeito e da consciência, e porque não haveria como salvar o existencialismo de Sartre, uma vez que este não levaria até o limite desejável a noção de inconsciente. Podemos confirmá-lo pela seguinte citação:

Em minha opinião: o existencialismo se definia, no essencial, como uma empreitada, ia dizer uma empreitada antifreudiana. Não que Sartre ou

¹⁹ DOSSE, F. *História do Estruturalismo*. v.1: O Campo do Signo, 1945/1966. São Paulo: Editora Ensaio, 1993, p. 370-371.

²⁰ Ao final da conferência XVIII, intitulada *A Fixação no Trauma, o Inconsciente*, em suas *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, Freud comenta as três feridas narcísicas que se alojaram no coração desse homem: o heliocentrismo de Copérnico, a evolução das espécies proposta por Darwin e a própria ideia freudiana de inconsciente, as quais, em certa medida e por diferentes razões, desinflaram e problematizaram o lugar do homem no mundo (cf. FOUCAULT, M. Op. Cit., p. 380-381). Este, doravante, terá de se haver com uma fissura fundamental, uma fenda que o abre e o leva à imanência de um fora inconsciente, capaz de sobredeterminar seus atos e pensamentos conscientes.

²¹ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault. In: *Ditos e escritos*. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b, p. 162.

Merleau-Ponty tenham ignorado Freud, longe disso, mas o problema deles era essencialmente: mostrar como a consciência humana, ou o sujeito, ou a liberdade do homem, conseguia penetrar em tudo o que o freudismo descrevera ou designara como mecanismos inconscientes (...) Essa foi a recusa do inconsciente, o que, no fundo, constituiu o grande obstáculo do existencialismo²².

Enfim, se o que está em jogo, efetivamente, é “a soberania do sujeito, ou da consciência”²³, o trabalho arqueológico é o que irá mobilizar toda uma gama conceitual capaz de avançar em direção a uma minimização das individualidades ou personalidades históricas, dispondo-as sobre certas determinações referentes às condições de possibilidade de um mesmo solo epistemológico.

Para isso, embora por vezes não o aponte explicitamente, busca Foucault se valer de ideias que possam se compor e se inserir em certo estatuto do inconsciente, tal como vemos, a exemplo, na noção singular de *episteme*, como fica já indicado no início de *As palavras e as coisas*:

Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a *epistémê* onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia”²⁴.

Evidentemente, esse tipo de estratégia busca deslocar o homem de seu centro subjetivo e personológico, aparentemente tão centrado e cristalizado, reduzindo-o. Eis um modo patente de se contrapor aos humanismos, segundo um conjunto de movimentos conceituais decisivos. Trata-se, numa palavra, de minimizar a posição do homem, de minorá-lo, ao tempo mesmo em que aponta para a sua desapareição – a tarefa maior que Foucault se dá nessa fase de sua produção. Afinal, “enquanto essas ciências se referirem à consciência do homem, enquanto se referirem a ele como sujeito, elas permanecerão psicologizantes e incertas”²⁵.

Desenvolvendo então um pouco mais a crítica da arqueologia foucaultiana aos humanismos, diríamos que ela se dá desde que comprovemos, trabalho a trabalho, a valorização de um *Outro*, inconsciente, um impensado do pensamento, mas que, no tempo, virtualmente insiste e é capaz de desancar o lugar presumivelmente transparente de qualquer racionalidade que queira repousar em seus próprios fundamentos.

²² *Ibidem*, p. 161.

²³ *Idem*. Que é o senhor, professor Foucault? In: *Ditos e escritos*. Vol. X – Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 37.

²⁴ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.11-12.

²⁵ *Idem*. Entrevista com Michel Foucault. In: *Ditos e escritos*. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b, p. 167.

Isso se dá na proporção em que (1) na *História da Loucura*, atentamos para o silêncio a que uma cultura moderna, dita da Razão, segue, desde o classicismo, reduzindo e estrangulando os seus diferentes, dispostos por exemplo sob as dobras da loucura; ou quando, (2) no *Nascimento da Clínica*, Foucault nos lembra que um conhecimento de ordem empírica e prática, como é a medicina, que busca o resgate da vida, só foi possível por conta de um temível *fora* – a morte, a finitude, encarada a partir dos estudos de anatomia dos corpos (a finitude humana autenticando um saber sobre a vida); e, finalmente, (3) o cume desse percurso, instante em que o filósofo nos apresenta toda a precariedade sobre a qual se assentam as ciências humanas, ratificando a complicada procedência de variados discursos positivos que tomam o homem como cerne, pondo em curso a desmesura e o ilimitado de uma ilusão, este o ponto central das questões levantadas em *As Palavras e as Coisas*.

5. Linguagem e Literatura

Parece que chegamos assim, finalmente, a um novo espaço. Pois podemos agora perceber melhor o quanto particularmente a literatura moderna foi grande aliada de Foucault na crítica aos ditos humanismos. Para ele, era ali o espaço de um saber especial, que precisava ser valorizado, pensado, disseminado, na proporção em que se apresentava como contradiscurso, como subversão em relação aos aspectos tradicionalmente representacionais da linguagem, inevitavelmente associados aos estados antropológico-humanistas.

Qual o porquê disso? É que a literatura moderna funciona como uma espécie de primado radical da linguagem – linguagem que é maior que o homem, que a ele é soberana, que o sobredetermina. Em mais um momento em que Foucault indica seu débito para com Nietzsche, pois “agora, é ele que nos serve de luz”²⁶, nosso autor se coloca, sem desvios: “(...) foi ele que, através da cultura alemã, compreendeu que a redescoberta própria à linguagem é incompatível com o homem”²⁷.

Em certo sentido, não é o homem que detém a linguagem, como facilmente pregariam as correntes humanistas. Ao contrário, é a linguagem que detém o homem – proposição que Foucault endossaria, junto ao coro estruturalista²⁸. Ou ainda, no dizer do próprio pensador: “Ali onde há signo não pode haver o homem, ali onde se faz falar os signos, é preciso que o homem se cale”²⁹. É pois notável a incongruência entre a ordem do homem e a ordem dos signos ou da linguagem, isto mesmo que irá se expressar, com todo o vigor, em certas literaturas. Trata-se de uma linguagem que faz a escrita sair dos trilhos, dos seus sulcos costumeiros, na direção do afrontamento aos ditames do discurso

²⁶ FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, *As palavras e as coisas*. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) *Ditos e escritos*. Vol. VII: Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011c, p. 143.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ A seguinte passagem de *As palavras e as coisas*, entre outras ligadas mais especificamente ao estatuto da linguagem literária moderna, deixa isso evidente: “A esta questão nietzschiana: quem fala? Mallarmé responde e não cessa de retomar sua resposta, dizendo que o que fala é, em sua solidão, em sua vibração frágil, em seu nada, a própria palavra – não o sentido da palavra, mas seu ser enigmático e precário” (FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 322). Em jogo, a minimização do sujeito, da consciência, do homem, sobrepujados, enfim, pela autonomia da linguagem.

²⁹ *Idem*. *Op. Cit.*, 2011c, p. 143.

da representação, característica semiótica maior de toda e qualquer condição estabelecida³⁰.

O livro *Foucault, a Filosofia e a Literatura*, de Roberto Machado³¹, segue o itinerário da obra foucaultiana e nos apresenta, em paralelo, o trajeto de suas concepções e posturas literárias, de modo a sublinhar as ressonâncias e interações da literatura em sua filosofia. Machado afirma:

(...) a linguagem nem remete a um sujeito nem a um objeto: elide sujeito e objeto, substituindo o homem, criado pela filosofia, pelas ciências empíricas e pelas ciências humanas modernas, por um espaço vazio fundamental onde ela se propaga, se expande, se repetindo, se reduplicando indefinidamente. E ao expor e aprofundar essa ideia no domínio da linguagem literária, Foucault está procurando se situar no espaço em que, segundo seu pensamento da época, ainda será possível pensar: o espaço vazio do homem desaparecido³².

Por esse rumo, Foucault estudará autores como Blanchot, Bataille, Klossowski, Hölderlin, Sade, Roussel, Flaubert, Mallarmé, Artaud, dentre outros. Mais: foi a partir das obras desses literatos, em particular do trabalho crítico de Blanchot, Bataille e Klossowski, que Foucault tomou contato com uma concepção nova de linguagem e pensamento, para além da fenomenologia e da dialética – um estilo plenamente nietzschiano. Foram eles os responsáveis primeiros pela paixão de Foucault por Nietzsche³³.

Seguiremos mais proximamente o percurso de Machado e faremos algumas observações, ainda que de relativo sobrevoos. O comentador é incisivo, marcando ainda que uma compreensão mais acertada da problemática filosófica foucaultiana, especialmente quanto à etapa arqueológica, tem passagem obrigatória nos textos ligados à literatura. Aliás, todo o período que radica entre 1960 e 1966 é também dedicado à reflexão sobre a literatura: são dezenas de artigos, prefácios e entrevistas, como atestam seus *Dits et Écrits*, que acompanham de perto as elaborações e os possíveis pontos de inflexão de sua arqueologia. Na edição brasileira, esses textos estão coligidos basicamente segundo dois volumes temáticos: I – *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*³⁴ e III – *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*³⁵.

Portanto, tal caminho aponta trabalhos que giraram em torno de suas preocupações coetâneas e mais ou menos específicas de cada momento da trajetória arqueológica, e assim relacionando a loucura e a literatura, depois a morte e a literatura,

³⁰ Talvez haja nisso tudo, mesmo à revelia da autoria, uma vertente micropolítica: um meio interessante de resistir a uma linguagem não seria mediante sua reinvenção? É aí que a literatura pode apresentar caracteres de novidade, golpeando a base semiótica bem ordenada que, em última instância, aloja o que se refere ao óbvio ou vigente: a própria linguagem utilitária, embora necessária, do dia a dia. Quanto a isso, lembramos mais uma citação de Foucault, em *As Palavras e As Coisas*: “Na idade moderna, a literatura é o que compensa (e não o que confirma) o funcionamento significativo da linguagem” (*Idem, Op. Cit.*, 1995, p. 60).

³¹ MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

³² MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 113.

³³ Cf. *Ibidem*, p. 12 e p. 106-107.

³⁴ FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos*. Vol. I – Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

³⁵ *Idem. Ditos e Escritos*. Vol. III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

e, finalmente, dissertando sobre o ser da linguagem, análises alicerçadas nas obras e no pensamento de alguns dos autores de que falamos. Os capítulos do livro de Roberto Machado estão por sinal organizados conforme esta linha: loucura, morte e ser da linguagem, constituição que, longe de ser uma reta, ainda que pontilhada diante de curvas e flexões, aproxima seus temas e ata seus pontos sob uma mesma inquietação, qual seja, o prestígio de uma literatura moderna da contrarepresentação e dos deslimites discursivos como um modo de crítica fundamental aos humanismos e ao sujeito moderno.

Os liames entre literatura e loucura estão presentes em algumas passagens de *História da Loucura*, mas também, particularmente, em dois trabalhos de 1962, que são a introdução que Foucault escreve ao livro *Rousseau Juiz de Jean-Jacques. Diálogos* e o texto *O Não do Pai*, sobre Hölderlin, além, já de 1964, do escrito essencial *A Loucura, a Ausência de Obra*. Machado lê Foucault, por exemplo, a partir de uma experiência da linguagem literária que, em sua radicalidade, jogo conduzido entre o limite e a transgressão, contestaria a cultura em voga: se a Razão do classicismo foi responsável pelo isolamento da loucura, tudo se passa como se a literatura promovesse algo da ordem mesmo de uma desrazão, dado que transgride, ultrapassa as fronteiras do juízo da representação, restaurando um diálogo profundo de linguagens outrora interrompido, postulando finalmente uma experiência do mundo e do homem que teria algo de trágico, no sentido nietzschiano³⁶.

Sobre as vinculações entre literatura e morte, a par do prefácio e da conclusão de *O Nascimento da Clínica*, há, em 1963, *Raymond Roussel* – o único livro que Foucault escreveu sobre um escritor – e os textos *Dizer e Ver em Raymond Roussel*, *Prefácio à Transgressão*, sobre Bataille, *A Linguagem ao Infinito*, dedicado a Blanchot. É importante apontar ainda *Por que reeditar a Obra de Raymond Roussel*, de 1964. Foucault vai partir aqui do vazio da linguagem, de sua derrogação, como instância primeira para uma subversão: a linguagem vai falar, se movimentar, em função paradoxalmente de falhas e buracos, em função de uma espécie de supressão fundamental, facultando a literatura e retratando certa positividade desse nada, no que se expõe, ainda de outro modo, a própria vida como efeito da morte e da finitude³⁷.

Em relação ao que designou ser da linguagem, a forma privilegiada, segundo Foucault, que assumiu a literatura contradiscursiva da modernidade, além de alguns segmentos de *As palavras e as coisas*, outros lugares importantes para a compreensão da problemática por ele levantada são, de 1964, o posfácio ao livro de Flaubert *A Tentação de Santo Antônio* e *A Prosa de Acteão*, tributado a Klossowski. Mencionemos ainda o já clássico *O Pensamento do Fora*, de 1966, mais um trabalho sobre Blanchot. Observaremos toda a potência do ser da linguagem da literatura moderna: ele é a minimização da consciência, da memória, do vivido, da dialética, na proporção em que se dobra e se desdobra, se duplica e se dispersa, sempre a partir de si mesmo, sobre si mesmo. Quando o ser da linguagem – informe, mudo, assinificante – aparece e reaparece, desde esse jogo capaz de nos circunscrever em uma “experiência anônima e autônoma da linguagem”³⁸, superam-se dualismos, restando apagadas por exemplo oposições entre

³⁶ Cf. MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 37.

³⁷ Cf. *Ibidem*, p. 80.

³⁸ MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 113.

sujeito e objeto, entre interioridade e exterioridade, o que pode talvez abrir espaço e dar vazão à imanência de uma linguagem pura, que só falaria de si mesma, que também não seria falada por ninguém³⁹.

Obviamente, todos os trabalhos mencionados, suas interpretações, não são estanques, se entrecruzam, se tangem, de modo a encetar uma malha fina cujos fios são o próprio pensamento literário-filosófico de Foucault. O propósito de Machado em seu livro foi cartografar tais movimentos.

6. Renunciar à Literatura

Já desde 1967, um ano após a publicação de *As palavras e as coisas*, antes mesmo da publicação de *A arqueologia do saber*, em 1969, a última etapa de sua arqueologia e que já dá a ver tendências em direção ao que viria depois, Foucault começa a se desinteressar pela literatura. Tanto é que daí em diante, ao dar curso aos desenvolvimentos seguintes de seu trabalho, seja quanto a uma genealogia das relações de poder (predominante na década de 70) e mesmo quanto aos estudos mais evidentes dos modos de existência e de subjetivação (sua preocupação central na década de 80), muito pouco publicará a partir dessa temática, fato que se prolongará até o ano de sua morte, em 1984. O que terá havido?

Segundo Roberto Machado, a literatura perde a prerrogativa em relação à crítica antropológico-humanista da modernidade, mesmo porque Foucault já começa a pensar com categorias algo diferentes daquelas que até então vinha usando, o que em todo caso se comprova em *A arqueologia do saber*, segundo observações circunscritas, por exemplo, ao interesse do filósofo em agora marcar distância em relação ao movimento estruturalista e aos problemas ontológicos da linguagem⁴⁰.

Além do mais – talvez especialmente –, é por volta do final da década de 60 que Foucault assume decididamente sua atividade de militante político, ocasião em que chega a questionar a eficácia da literatura como instrumento de contestação de uma ordem vigente⁴¹. Finalmente, e para marcar: são minúcias de um pensador que, como é sabido, jamais se quis o mesmo, que em momento algum se prestou a engessar sua filosofia em camisas-de-força, quaisquer que fossem.

7. À Guisa de Conclusão

O que dizem as literaturas comentadas? Sobre o que elas falam? Sobre o homem, suas dores e delicadezas, ou mesmo sobre seus espasmos de alegria e felicidade? O ser bruto e vivo da linguagem, uma vez proliferando e dobrando-se em si mesmo, tão voltado ao próprio seio – o da escrita –, ele pouco ou nada tem a dizer.

Talvez o vestígio maior de protesto dessas literaturas seja precisamente este, até porque – se tivesse exatamente algo a dizer ou a significar – estaria em pauta um discurso provavelmente encerrado nos esquemas biunívocos da representação, o que o remeteria ao estatuto clássico da linguagem, a uma teoria da significação, à tradição sujeito-objeto⁴².

³⁹ Cf. *Ibidem*, p. 112-115.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, p. 117-136.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, p. 124-125.

⁴² FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 60.

Paradoxalmente, é assim que tal modo de ser da literatura se coloca, se expressa: em certa ausência de significação, em certa condição enunciativa do silêncio e do balbucio, tudo entretanto pode ficar dito. Daí, por sinal, toda a espessura metalingüística da literatura moderna, daí tantos poemas sobre poemas. Em *As palavras e as Coisas*, segundo Foucault:

A literatura se distingue cada vez mais no discurso de ideias e se encerra numa intransitividade radical; (...) rompe com toda definição de “gêneros” como formas ajustadas a uma ordem de representações e torna-se pura e simples manifestação de uma linguagem que só tem por lei afirmar – contra todos os outros discursos – sua existência abrupta; nessas condições, não lhe resta senão recurrar-se num perpétuo retorno sobre si, como se seu discurso não pudesse ter por conteúdo senão dizer sua própria forma⁴³.

O ser da linguagem que enseja a literatura está, portanto, em um espaço para além de uma metafísica da representação, de qualquer coisa que se pense, em todo caso, estática, cristalizada, essencializada. De outro modo, diríamos: a literatura não é, a literatura está por vir⁴⁴. Em suma, fica em consideração algo que é da ordem do devir, e o que parece restar em pauta é uma multiplicidade de fluxos virtualmente passíveis de expressão, cujos modos e intensidades repetem diferenças internas próprias à literatura. Daí confirmamos, por vezes, a dificuldade e relativa insolvência de métodos analíticos mais tradicionais de apreenderem o volume desse objeto.

Quanto à figura do homem, haverá ele por abrir-se, de vez, a esses inumeráveis fluxos do devir? Chegará a hora em que conseguirá saber-se finito, contingente, sobredeterminado, atravessado por uma cisão – inconsciente – que o constitui e o distingue, mas que, exatamente por ela, a partir dela, é que age e se movimenta? Seria um passo tornado possível, uma dobra no homem de que estamos tão tomados, passo quem sabe em direção ao além-do-homem, ou super-homem, segundo o argumento nietzscheano. Como afirma Roberto Machado:

Se a ideia de homem pretendeu funcionar no século XIX humanista como a ideia de Deus havia funcionado na época clássica metafísica, se o homem considerado como sujeito de sua própria consciência e de sua própria liberdade é apenas e fundamentalmente uma metamorfose de Deus, Foucault ansiava pela criação de um mundo em que esse primado do homem tivesse desaparecido, ansiava pela criação de um homem que não tivesse mais nenhuma relação com esse Deus de que ele é imagem⁴⁵.

Fechemos, enfim, com a seguinte provocação: como pensar sem Deus e sem

⁴³ *Ibidem*, p. 316-317.

⁴⁴ A citação no livro de Machado é a seguinte: “Como para Blanchot, também para Foucault, a literatura nunca é dada, nunca é totalmente realizada; ela está sempre no livro por vir e nenhum livro coincide com ela” (MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 115). Maurice Blanchot publicara *Le Livre à Venir* em 1959, pela Gallimard.

⁴⁵ MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, 9. 106.

Homem, sem essas grandes âncoras ou fundamentos? Afinal, “nos dias de hoje, nossa tarefa é de nos libertar definitivamente do humanismo e, nesse sentido, nosso trabalho é um trabalho político”⁴⁶. A literatura moderna, à qual nos convidam os livros de Foucault e de Roberto Machado, parece ensinar.

Referências Bibliográficas

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. v.1: O Campo do Signo, 1945/1966. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**. Vol. I – Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**. Vol. III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: **Ditos e escritos**. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. In: **Ditos e escritos**. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, As palavras e as coisas. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) **Ditos e escritos**. Vol. VII: Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011c.

FOUCAULT, Michel. O homem está morto?. In: **Ditos e escritos**. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011d.

⁴⁶ FOUCAULT, M. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: *Ditos e escritos*. Vol. VII – Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a, p. 148.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FOUCAULT, Michel. Que é o senhor, professor Foucault? In: **Ditos e escritos**. Vol. X – Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FREUD, Sigmund. A Fixação no Trauma, o Inconsciente. In: **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Obras completas, volume 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MACHADO, Roberto. **O nascimento do trágico**: de Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Recebido em 15.08.2023.

Aceito para publicação em 27.09.2023.

© 2023 Alessandro Carvalho Sales. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).